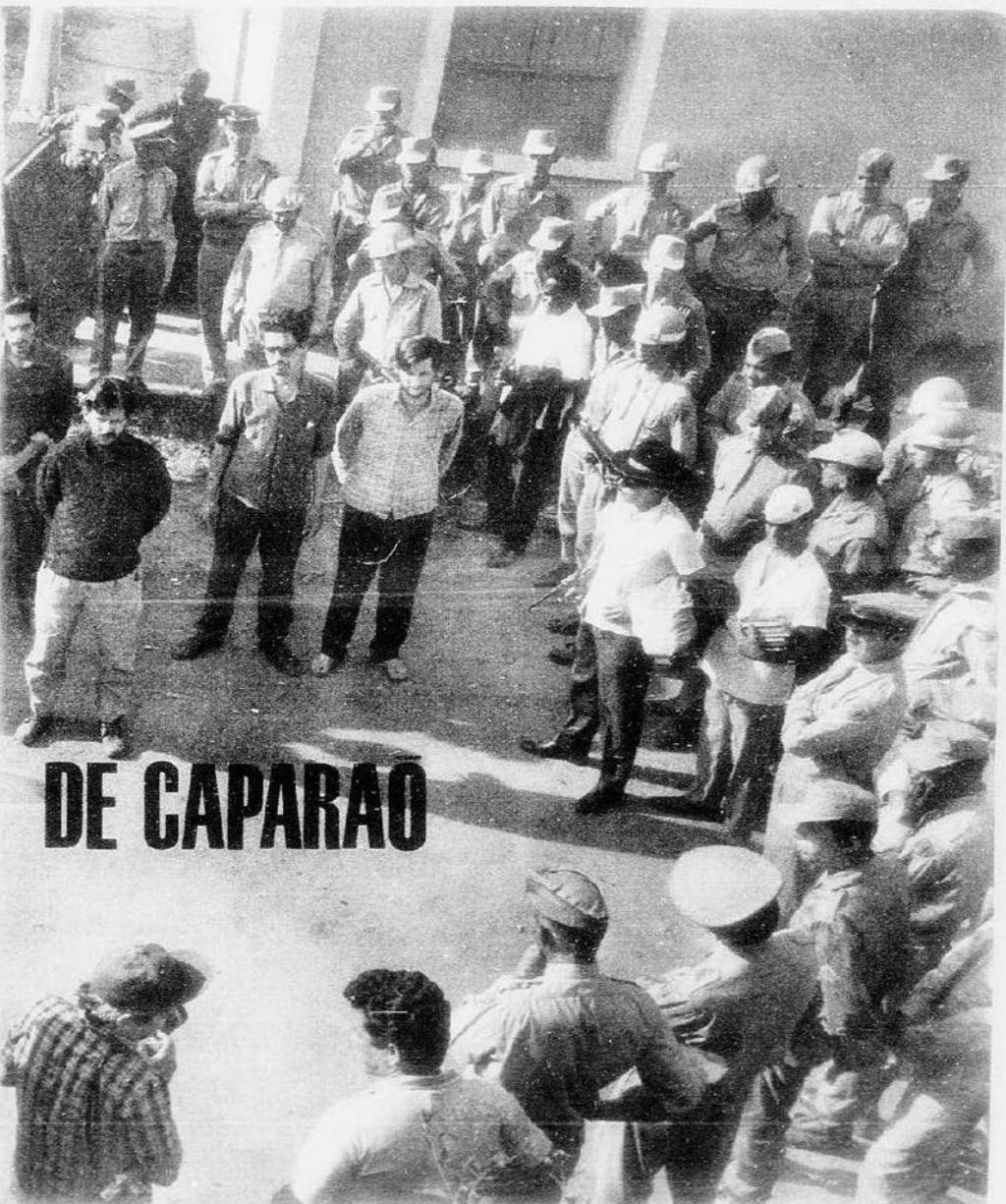


CAPARAÓ - REVISTA O CRUZEIRO

# OS GUERRILHEIROS DA SERRA

Texto de AFRÂNIO BRASIL SOARES  
Fotos de GERALDO VIOLA

Tendo à frente o seu comandante, o ex-3º Sargento Anacleto Filipe da Luz Ferreira, os prisioneiros da Serra de Caparaó se preparam em fila para tomar a viatura que os conduziria ao QG de Juiz de Fora, onde iam ser submetidos a inquéritos sigilosos. Em Manhuaçu limitaram-se a informar que geris e cegaram a maneira cavaileirosa como foram tratados no BI





*Dois dos elementos estavam com peste bubônica. Foram assistidos devidamente.*



*Depois de 4 meses, os revoltosos da Setra*

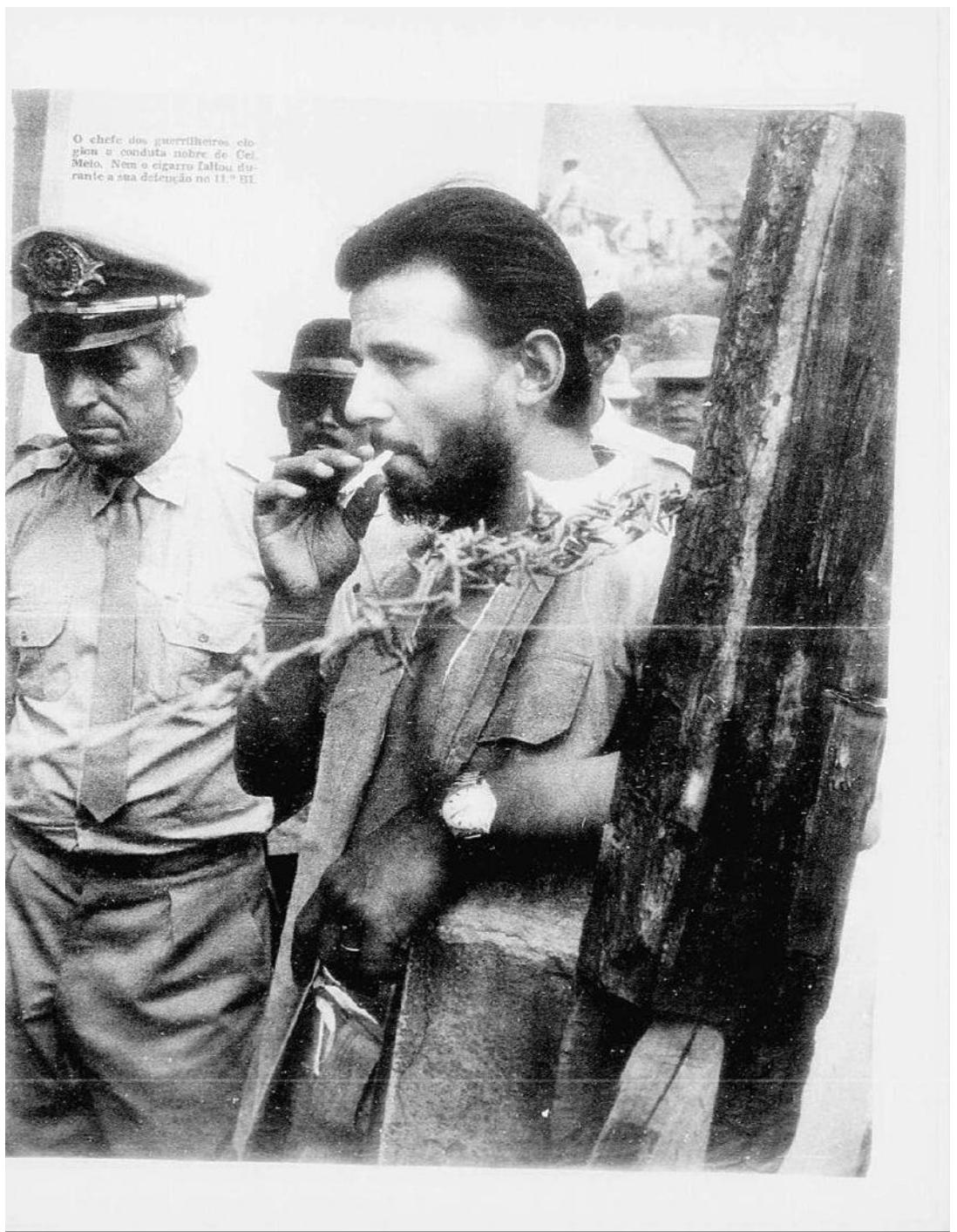


*Ao partirem para Juiz de Fora, o Com. Melo apertou, um a um, a mão dos guerrilheiros.*

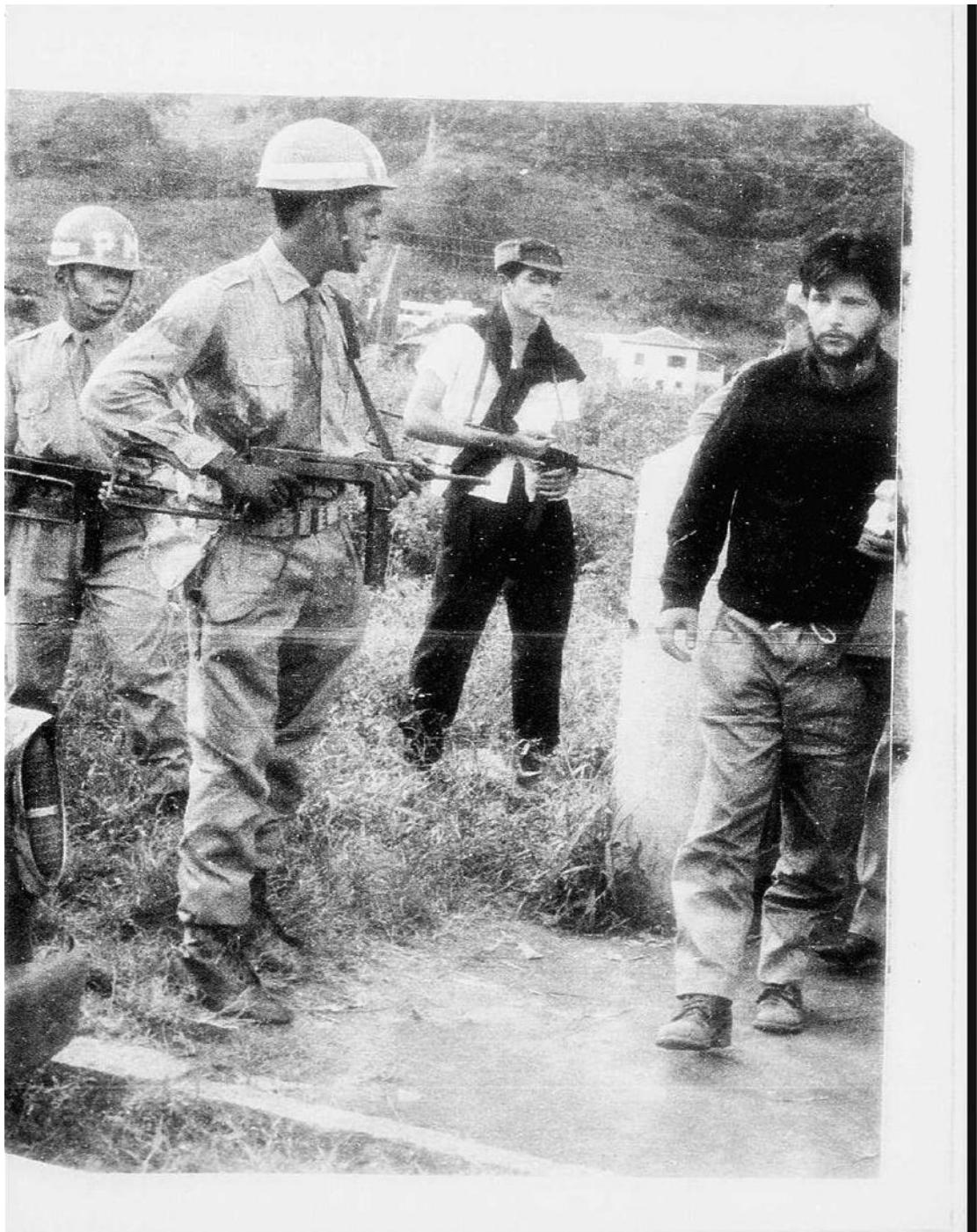


*A saída dos guerrilheiros foi rigorosamente*

© CRISTALINA 10 - 4 - 1969



O chefe dos guerrilheiros elogia a conduta nobre do Cel. Melo. Nem o cigarro faltou durante a sua defecção no II.º BI





# O DIÁRIO DO CHEFE GUERRILHEIRO

Reportagem de FIALHO PACHECO  
Fotos de GERALDO VIOLA e  
"DIÁRIO DA TARDE"

Na Serra do Caparaó, um grupo de homens treinava guerrilhas com os objetivos revelados pelo líder, na primeira entrevista à imprensa. A prisão e as declarações dos rebeldes e dos militares que os capturaram já foram focalizadas em reportagem do número anterior de "O Cruzeiro". Mas as possíveis ligações do grupo com um movimento de maior amplitude é o que, pelo menos para os órgãos de informação e para o grande público, permanece como ponto obscuro. Sabe-se agora que o Exército efetuou operações para eliminar prováveis focos de guerrilhas na mesma região em que foram localizados os "barbudos" de Manhuaçu. O diário da campanha do ex-Sargento Amadeu Felipe da Cruz, chefe de grupo, que ora publicamos — graças a um esforço de reportagem do jornalista Fialho Pacheco, dos "Diários Associados" de Minas — relata os 150 dias de permanência dos guerrilheiros, sob a chuva, o frio e o sol inclemente, no reduto de que foram desalojados pela Polícia Militar mineira. Trata-se de um documento de palpitação atumilhada, que esclarece, em minúcias, as ações do frustrado grupo e a natureza do pensamento que o norteava.

#### O manuscrito

Todos os caminhos que possuíam um mínimo de probabilidade de confluir a Nação Brasileira a sua imediata liberdade foram descartados, pebi a direita, restando apenas responder com violência revolucionária à violência reacionária.

#### Resumo

Objetivando iniciar de imediato o processo (Alessandro, Cláudio, Antônio, Mário, Mário, Mário, José, André, Pedro, Nelson, Sérgio, Jânio, Lúcio, Roberio e Henrique, este último ausente por estar cumprindo tarefa na cidade) reuniu-se na noite de 14.12.66, dia 26 de novembro de 1966, para a coleta daqueles corajosos os dirigia como guerreiros.

Esta reunião, cujos componentes são ex-militares em sua maioria cívicos, todos revolucionários e marxistas-leninistas, foi iniciada e dirigida a partir das 20:00 h pelo Comandante Alvaro, que já desde algum tempo vinha liderando a maioria destes homens em sua luta antidiábolica e consequente preparo deste núcleo guerrilheiro.

Principiando sua palestra, o referido comandante relatou com brevidade os trabalhos realizados pelo grupo original, conjuntamente com outros amigos organizados dentro de um esquema nacional e distribuídos pelas cidades e campo, mostrando o que considerava saliente nestas tarefas, criticando e autocriticando-se em nome deste grupo.

Motivo — ora levando, ora ponderando as possibilidades que tomavam considerando sempre a segurança, estratégia, a tática e as condições que possuíam na prática, situações e ponto em que hoje nos encontramos, ou seja, 14 homens reunidos na serena atmosfera num ambiente de trocas convidentemente para o inicio da guerra.

Análise através de um prisma marxista e entraves que ante-nos se antipunham e que ocasionaram que sómente agora, contudo, se manifesta após a vitória dos apátridas e socialdemócratas, que haviam sido a base material do grupo armado e pôde chegar ao ponto de luta armada; ressaltou nominalmente por sua imponibilidade e dedicação nesta faixa preparatório os companheiros Marcelo, Cláudio, Valério, Carlos e Soares (este último falecido em 1967, durante a luta armada); estabeleceu a posição deste grupo em relação à Frente Nacional, sua dependência estratégica e sua autonomia tática, bem como suas ligações com grupos de cidade, seu confronto com outras forças de extrema esquerda que nos unem a lutas nacionais e a outras organizações revolucionárias, nossos compromissos para com São Paulo e vice-versa.

Defendeu-se como marxista-leninista, convencido de que sómalo através das guerras, poderia nosso povo libertar-se da opressão e miséria a que está subjugado e alcançar a paz e progresso que busca; que a guerra de Guerrilhas é o caminho mais curto para a libertação do povo ao lugar que é devido, logo compõe-se por um sistema de militares e titãs por imprensação do imperialismo laranja.

#### Concluições

Sob as considerações — por ele mesmo sugeridas e discutidas por todos — de que sólito de exclusivamente, recaríam: 1º) todas as responsabilidades conhecimento com a segurança do grupo; 2º) a escolha de seus auxiliares mais próximos, ou seja, dividir entre os presentes as tarefas internas do grupo, e assim, garantir a continuidade da luta a qualquer outro companheiro que, futuramente, demonstrar possuir em melhor índice, as qualidades inerentes à esta função e que para tal fosse aceito pelos demais, foi de Alvaro, eleito por unanimidade de votos não-sentados, comandante deste núcleo de guerrilheiros.

#### Plano interno

Após debates críticos e sugestões que se prolongaram por quase duas horas, foi na mesma reunião lapidado e aprovado o plano

## Todos eram marxistas-leninistas

para estrutura interna apresentado pelo companheiro Mário.

Em síntese, este plano divide o pessoal em três grupos de quatro pessoas, mas o comando é único e permanente, designado, ainda as funções de cada homem dentro do conjunto e designa os comandantes de cada um destes grupos. Não obstante, o comandante tem absoluta autoridade sobre todos os homens e, conforme decisão anterior, afixa-lhe as designações das tarefas a serem divididas.

#### Contato

Face a dependência em que nos encontramos do pessoal da cidade, que deverá trazê-nos a luta no próximo dia 8, ficou estabelecido que a cada dia 7, haverá reunião para lutar. No entanto deixaremos, no próximo dia 2, o acampamento das chamas, seguindo para o dia Escada.

#### Distribuição e considerações

O Comandante já distribuiu o pessoal dentro do Plano Interno acordado e o organograma desse segue anexo na última página, bem como a distribuição do material bélico.

#### Material de uso pessoal

A proporção em que iam chegando à CPP todos os companheiros recebiam, para seu uso pessoal, dentre outras coisas:

1 mochila — 1 bala de nylon — 1 ração de nylon — 1 cobertor — 1 máscara de lá — 1 gorro — 1 par de luvas — 1 abrigo de nylon — 1 par de botas — 1 par de meias — 1 par de calças — 2 pares de meias — 1 cinto cartucharia de nylon — 1 cinto de lona — 1 manta — 1 fio de talheres — 1 par de tênis.

#### Material de uso coletivo

Entre os grupos foram distribuídos, entre outras coisas:

Lanternas — rachos — bidentes — mampar — molas.

Acostumados que estávamos à vida de cidade, ainda que clandestina, nestes últimos dois anos, é-nos difícil adaptar-nos à vida de campo, e, portanto, os condicões do terreno, o frio, a chuva e a sujeira do conforto proporcionado por uma casa, mesmo humilde, contrasta violentamente com aquilo a que estávamos acostumados. Dependemos, enfim, da natureza do terreno, das condições de temperatura, e, portanto, em consideração as inúmeras perdas por este fato, podo se dizer que a maior da tropa. Ainda que muitos companheiros queixam-se de não saberem dormir nas redens, reclamam do frio e da chuva na praça, e a temperatura é, à noite, de 10°C com relativa frequência a 17°C, encostarem nas pedras do Rio das Cabras (não contrastante com as belas saíadas das cidades em que vivíamos), sintem pressões ce "contatos" e, choram, e falam de logística, de armas e equipamentos, nada disso impede que a camaradagem mítima, o bom humor e a disposição de luta se nos distanciem, o que preocupa para futuro bem próximo um grupo excelente e uno.

#### 1º contato

Conforme fora programado, Juca e Rocha subiram no dia 5 até a CPP e dali foram levados até o acampamento da Escada. As boas notícias que trouxeram da cidade trouxeram também nova dose de motivação ao representante para a cidade levariam rumo a um local que considerava adequado em termos mochilas.

#### Marcos

O novo acampamento, no qual nos encontramos desde o dia 8 de dezembro, chama-se "Marcos".

#### Umidade

Estes dias ocupam o tempo no preámbulo de esconderijos para o material de uso permanente, comedevéis e material bélico. Preocupava-me a excessiva umidade do terreno, que é uma constante ameaça à boa conservação do material.

## Diário cita esquema nacional

## Guerrilhas: caminho mais curto

## Três grupos de quatro homens cada

## Camaradagem mútua e disposição



*Estômagos recoalçados. No acampamento, houve dias de se alimentarem só de sopa.*

Ela mesma emite para sobre o pessoal: noceço o acampamento está situado sobre uma extensa camada de humos, sob arcos gigantescos que impedem a entrada de raios solares. Durante a noite a temperatura cai entre os 14 e 16°C.

#### 2.º consideração

É certo que futuramente sofreremos disto que hoje nos martiriza, mas também é certo que sentimos ser duro, árduo e até penoso este presente. Sentimo-nos na prática o por que das teorias sobre guerrilhas sugeridas por Marx e Engels: a luta de um local, desmobilizada pelo cotidiano, a luta contra estes obstáculos naturais. Mas de qualquer forma a aspiração geral uma superação das dificuldades que todos os que se todos os que sofrem com relações ao clima, sobretudo conselhos nos quais o inimigo também o sofre, queda com maior intensidade por estar desprovido desta agasalho que possuímos e que se chama consciência.

#### Taste do fogo

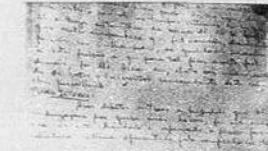
Califurramos os olhos com a "Winchester 22", de Alexandre, Nenêzinho foi o que demonstrou melhor pontaria. Cada um deu dois tiros e a distância era de seis metros, aprimoradamente.

#### Palestra

Foi realizada durante a noite do dia 12 de dezembro, pelo companheiro Mário, uma palestra sobre organização. No dia seguinte os companheiros debateram sobre tópicos que tocavam da retórica popular, refletindo, tirando dados importantes e apontando ao lema novas considerações. Imediatamente não houve oportunidade de que os companheiros Mário e Lino redigissem as suas ideias para o Comitê de Luta Histórico e Sócio, respectivamente, que já estava programada e eram ansiadas pelo grupo.

#### Marcha noturna

No dia 17 de dezembro deixamos o acampamento "Machado" iniciamos às 17 horas o deslocamento para o acampamento Faz-jo, durante a noite o que servia já havia deserto totalmente para o pessoal. Era previsão nossa encontrarmos ali um ponto determinado, onde no dia 24 de dezembro nos encontrariam os amigos da cidade que nos visitava abedóes com alimento e obstante, a prática demonstrou estarmos ainda bastante despreparados fisicamente. Chovia forte e ventava frio, oscilando a temperatura entre os 12, 13 e 14° centígrados. O terreno desconhecido e de difícil acesso apresentava



O "plano interno" dividia o grupo em três seções e designava suas funções.



O leiau: "Responder com violência revolucionária à violência reacionária".

tava-se ainda mais difícil por estar escurecido e pela noite escura e nublada, que nos permitiu uma visibilidade do ordenado a um metro. A noite avançando quase 80 quilos, recuava-se a caminhar; o pessoal encharcava consumindo alguns uivos de chove e cansaço, além do material, já sentia os músculos enrijecidos pelo frio, se revestiu de roupas que faziam mal ao corpo. Como potencial desportivo, operava uma raquítica colher de leite condensado, o resto, moral, ainda existente: "não é um comunista quando já não tem fiscautele, nem uma condição de dar um passo, só pode mesmo seguir mais dois ou três quilômetros"!... Nesta noite funcionou.

#### Acompanhamentos

Fatigados, encharcados até a moral e envolvidos por uma cerração impressionante e densa, adentraramos pelas encruzadas num local idêntico ao anterior, fazendo o mesmo redor. Chamejou a este local de acampamento do chuve, sendo que houve sugestões para que o batizássemos com o nome de "Ocean Atlântico".

Às amanhãs, após um sono curioso com a ajuda de um copo de creme panqueca e mais que isto, concluído graças ao esgotamento em que nos encontrávamos pudemos, enfuso, arrumar nossas barracas. O tempo seguia chuvoso e frio, e mesmo durante o dia vislumbrou-se a crise de apetite alguma vez, o que nos impossibilitou em contrar o caminho a seguir.

Dias depois um sol subcruzado e tímido desipou parte da cerração durante algumas horas, o que nos possibilitou um deslocamento de dito ou trés quilômetros mais, até encontrar um local relativamente seco, que nos permitiu fazer a barba dessebe. Seguimos sem polpaçana nova. Redundaram infrutíferas todas as tentativas que fizemos de buscar a saída no laranjal montanhoso em que nos encontrávamos. Os grupos, a trés ou quatro pessoas cada um, que estavam em recontro, malogravam pela ausência de pontos de referência e de um mínimo de visibilidade, o máximo que conseguiram era reencontrarem o caminho de volta, que era sempre o mesmo: lutar horas perdidas nas trevas brancas. Chamejou a este local de acampamento do Natal, por não havermos passado os 24 e 25 de dezembro.

#### Alimentação precária

Certo dia, sempre densa, chuvinha fina e constante, vento, madeira encincraca e difícil de fazer fogo, perspectiva de melhora, nem houve. Cláudio e Januário voltaram pelo único caminho que conheciam e fizeram o que podiam para nos auxiliar, mas não era alternativa, pois somente neste dia checou o Dossel da cidade. Os demais companheiros seguiram acampados, encharcados em suas barracas, torcendo. As reservas alimentares estavam em baixa, mais cedo co que calculámos haviam se esgotado. Vários dias nessa alimentação foi sopa no almoço, no jantar, sopa e pela manhã (para variar) uma sopa.

O máximo que pudemos fazer durante estes dias foram pães secos dentro das barracas, o que manteve o nível moral do conjunto, tarefa difícil quando os estomagos concam.

#### Morte de Parácia

Na 29, Alencar e Mário desceram para buscar alimentos e uma metralhadora para o final de ano. Havia um deserto. Pela noite o local do acampamento da chuva e a encocramos morta. Todos lamentaram a morte da "mulher-revolucionária" que de parácia só tinha mesmo o nome. Prestou grandes trabalhos ao grupo.

#### Tempo bom

Somente às vésperas do Ano Novo o sol veio definitivamente a cerração. Firmou-se tempo após escarmos todo material há dias encharcado, fazejamo-nos ao recontro, devolvendo os materiais que havíamos de estar acampamento do Natal num planalto visível a vários quilômetros. Baixamos um pouco mais para o Acampamento do Ano Novo onde chegamos a 31 de dezembro. Na tarde

neste mesmo dia, Alencar chegou ao acampamento de regresso. Pedro, cansado demais para prosseguir, ficou na CPP e sua chegada é esperada no dia 2 de janeiro.

Nem todos os companheiros receberam cartas de seus familiares. O Natal e Ano Novo distantes (muitos de nós dela puderam comemorar) e a constante ausência de nossa presença deprimiu nos bastante. Desta vez era uma chuva de tristeza, uma densa cerração de saudades e melancolia, que abatia sobre nosso acampamento, ferindo nossa moral em seu ponto mais sensível.

A exemplo do que já haviam feito a 3 de dezembro na CPP os companheiros Marcelo, Alencar e Roberto redigiram um breve enunciado que foi apresentado por eles mesmos no dia 1º de janeiro, já que a chuva abertura e companheiro Alencar fez uma redação na qual estimulava o grupo a superar os tristes momentos que viviam com a convicção de que o time que buscavam atingir era a Justiça e Liberdade, para todo o povo que permanecesse à margem de todo nosso sacrifício e esforço. O documento, apresentado pelos companheiros Marcelo e Roberto, após campanhas revolucionárias e ações de caráter político e recreativo, visava motivar os companheiros a permanecerem superávies e unidos para tal mesmo munirimo-nos de tida nossa convicção de homens comunitários e portanto, revolucionários. Fomos com todos os companheiros de pé cantando "A Internacionál" e confraternizando-nos do espírito revolucionário e amigo, produzido pelo sô.

#### Melancolia

As reflexões deste dia festivo também foram melancólicas. Almoçamos cabrito e coqueiro, bolinhos de trigo fritos pelo companheiro Marcelo que encantou das a fritar. Os companheiros Sérgio e André foram igualmente cumprimentados pelo delicioso almoço servido.

#### Regresso de Pedro

O companheiro Pedro, que ficara na CPP por exceder de condições físicas para prosseguir, regressou ao Acampamento do Ano Novo no segundo dia do ano.

#### Deslocamento

Neste mesmo dia os companheiros tiraram como tarefa a limpeza dos armazéns e das roupas. No dia seguinte, 3 de janeiro, deslocamo-nos para o Acampamento das Varejinas, que recebeu este nome pela quantidade de micos ali habitantes. Previu-se excremento de bicho que ali passaria.

#### Reconhecimento

Neste acampamento a tarefa seguiu sendo fundamentalmente a de reconhecer o terreno, onde visamos sempre o seu maior interesse.

#### Korandero

Construímos próximo a este acampamento um novo esconderijo, onde deixamos latas vazias que já se avolumavam em nossa casa. Essas latas pensamos utilizar em futuro próximo na construção de minas e bombas.

#### Debate político

As conversações políticas desse dia giraram em torno da incógnita: "Devemos fazer ou não antes ou depois da posse do Costa e Silva?"

#### Conclusão e obstante

Após considerarmos o problema, os prós e contras da ação antes e os prós e contras da ação depois optamos que, politicamente, a nossa ação só poderia devolver ser reestruturada antes da posse. Não obstante, evidentemente, ou seja, o problema da ação permanece, o passo deve, para tal, sofrer urgente revisão. Dinamizamos nosso trabalho no sentido de tiremos-nos em nossas mãos alternativa para três meses a contar do dia da nossa "estrela". Paralelamente a este

## Mulinha "Parasita" prestou serviços

## Alguns não sabiam dormir em rêdes



Ex-sargento Amadeu Felipe da Cruz, líder dos rebeldes, escreveu o diário.

trabalho reconheceremos todas as áreas que acordamos indispensável para iniciarmos a guerra, bem como buscarmos todas as informações sobre cidades, engarrejos e vilas da região. Desta forma, podemos obter a área a depender que temos essa indicação e limitações dos companheiros da cidade que dentro de poucos dias deverão reunir-se conosco para debatermos conjuntamente o problema.

#### Problemas internos

Surgiu nesses dias a necessidade da saída de companheiros do grupo para as cidades por motivos pessoais: Lino, Nísio, Marcelo, Sérgio e Henrique que são os companheiros

Outro problema: apesar do esforço realizado pelos companheiros Alencar, Januário, Marcelo, João e Roberto, que se dedicaram em cumprimento a tarefas até a CPP, não conseguiram evitar os recentes vistos por companheiros do engarrejo do ramalinho do Nobo, que, montados a cavalo, vieram a nos com elas na altura dos Vaqueiros. Uniformizados, barbados e conduzindo mochilas, atacaram a estrada com um movimento topográfico e rápido dando a impressão que pertenciam ao Exército. Isto ocorreu no dia 6 de janeiro e tememos consequências desagradáveis ainda que o fato não nos haja surpreendido de todo e que face a estes temores, venhamos tomado novas medidas de segurança.

#### Acampamento e partida

No último dia do mês de janeiro acampamos em outro local. Foi um bom tempo, apesar de as noites serem frias e nubladas. A cerimônia tem sido bastante incômoda durante todo este período mas, queremos crer que, finalmente, no decorrer de isto, nos serviu de aula de vida ainda que se tenha esquecido as noites.

Neste mesmo dia (8-1), após arrumarmos nossos equipamentos partiu o grosso do pessoal da CPP, com exceção de Lino e Pedro que por questões de saúde dos companheiros do Nobo, foram escalados para cuidarem da segurança do local. Quando atingiu a desida para o "lugar dos vaqueiros" o grupo viu se dentro d'uma malha de arame farpado que não era suficiente para encostar e caminhar conhecido e não desejando encostar o caminho conhecido e não desejando estafar-se lutamente, adesões fogueras, fizer café, acomodaram-se em pedras e esperaram o amanhecer. Alguns adormeceram, outros conversaram durante toda a madrugada. Tudo em comum raspadura.

Ao amanhecer do dia 9 atingimos a CPP com maiores novidades. Ao encontro Cláudio passou por cima das Varejinas, continuou para Santana que levava o burro. Encaramos velha andragudez do dia 11 acompanhados por Rocha que da cidade de Trindade, além dos mantimentos, notícias que davam a expectativa de que o grande companheiro Sérgio, que havia permanecido em Futurama, suspeitando-se que seja um dos grupos de Organização, já que fala de escolares do PI e um suposto "chinês" que poderia ser Lino, companheiros que estavam na revista revelaram a suas características: crise entre o grupo do Paulo Mello e Pedrinho, ao que tudo indica por questão ideológica e que Marcelo poderá (ao regressar) dar mais detalhes; prisão de São Joaquim, da André e das irmãs Cintra; opinião da cidadania em menor expressão, saída de Costa e Silva para a primeira aglomeração de Santana informou-lhos haver bom número de "possíveis simpatizantes" da causa na região do Nobo.

#### Discussão e retorno

Após jantarmos pusemo-nos a discutir com Rocha visando transmitir-lhe como representante presencial dos companheiros da cidade de Trindade, que o que devia ser feito na nossa primeira ação. Este deixou claro que levaria até seis companheiros nossa operação e que tudo faria para trazer Guimarães para cá, para discutir sobre o tema.

Fora indicado de imediato que os que partissem Rocha, Henrique, Marcelo, Nísio, Sérgio e Lino. Henrique combinou que regressaria a 20 ou 21 pela CPP trazendo gênero e os demais a 23 pelas Casas de Pedra. Ao amanhecer os demais rumaram de volta para o acampamento.

#### Reconhecimento

No dia 13 Alencar e Pedro deixaram o acampamento objetivando reconhecer cidades e engarrejos por nós considerados estratégicamente importantes e estabeleceram contato com supostos companheiros residentes na região. Foram acompanhados até a Casa de Pedra por Alexandre, Roberto, Marcelo, André, Digo Cláudio e Januário, que ali ficaram aguardando a chegada de Guimarães.



de Caparaó voltaram a se servir em pratos.



guarnecida por soldados do 11º BI de Minas.

## Guerrilha chega ao Brasil

A captura de 11 guerrilheiros na Serra de Caparaó, o volumoso material bélico apreendido, os primeiros depoimentos colhidos nos interrogatórios, pequenos fatos ocorridos logo após a operação, os informes e suspeitas que continuam a chegar à sede do 11º Batalhão de Infantaria da Polícia Militar de Minas Gerais, sediado em Manhuaçu — tudo faz crer que uma vasta organização de guerrilheiros está minando aquele Estado e, provavelmente, outras regiões do País.

No dia 1º de abril, às 5 h 30 m da manhã, uma patrulha de 13 homens pônta definitivamente a clareza à existência de guerrilheiros, quando surpreendeu sete délices, no lugar chamado Macieira, na Serra de Caparaó. Disparados de canhões e comandados pelo Tenente Zézinho, os policiais invadiram o acampamento e, de armas em punho, deram ordem de prisão. Cinco dormiam, enquanto dois outros serviam de sentinela. Estes ainda se jogaram numa reação, logo dominada.

A operação começara, na realidade, em novembro do ano passado, quando habitantes da região falavam da existência de barbudos no meio do mato, que criticavam o diálogo entre ver que eram perseguidos de onde vinham, que fofiam por ali. A sede do 11º BI chegava a ameaçar informações. Avôs, pianistas foram vistos sobrevoando o Pico da Bandeira e adjacências, atirando, a distância, embora não identificadas. No entanto, a maré, um cidadão branco, acompanhado de um motorista que conduzia um Jipe da Oficina e Aço de Vitória, foi localizado por um agente da Polícia, Abordado e interrogado pelo policial, o estranho disse chamar-se Edgari Llauradó, de nacionalidade francesa e incumbido de fazer exploração de jazidas minerais na região. Como sua documentação estava irregular e não possuía a Carteira 19, o oficial deu-lhe ordem de prisão, bem como ao motorista. Os dois foram enviados à G-2 (Serviço Secreto da Polícia de Belo Horizonte), mas logo em seguida foram liberados. Na Quinta-Fria Santa, dois desconhecidos desceram do Pico da Bandeira e foram aguidos, de longe, por agentes do 11º BI. Num barbearia de Espera Feliz tiveram ordem de prisão. Em seu poder, tinham materiais suspeitos, como uma misteriosa correspondência e esboços de um plano de ação. Eram Elas Geller Rodrigues (ex-subtenente do Exército) e ex-presidente do Clube de Subtenentes e Sargentos) e José Cercio Gonçalves (2º-sargento da Aeronáutica, lotado no Galeão e na alvia). O primeiro integrava já uma das listas dos caçados. O próprio comandante do 11º BI, na Sexta-Fria Santa, os levou, para interrogatório, a Belo Hor-



O Com. Melo narra ao repórter de "O Cruzeiro" os detalhes da operação.

sante. Logo em seguida, outro suspeito, identificado depois como Amaranto Jorge Rodrigues Moreira, ex-marinheiro de primeira classe, foi detido quando deixava uma farmácia de Manhuaçu. Em seu poder havia uma grande quantidade de vitaminas, multivitamínicos e aquaelhos.

Na noite de 31 de março, às 21 horas, o Dr. Moacir Caldeira, delegado regional da Polícia de Minas e fiscal-criado na região, telefonou de Presidente Soares para o Comandante do 11º BI, Tte.-Cpl. Jacinto Franco. Joaquim Amaro Melo, fornecendo-lhe indícios positivos de guerrilheiros na região do Pico da Bandeira. Immediatamente, o comandante deu ordem à Patrulha do Tenente Zézinho, que vasculhou a região. Escavações efetuadas em lugares suspeitos confirmaram a denúncia do Dr. Moacir, como o encontro de pilulas, latas de conserva usadas, papéis de embrulho e outros resíduos. Só às 5 h 30 m da manhã, depois de extensiva batida na mata, localizou-se o acampamento das sete guerrilheiros. Foram identificados como: Amadeu Felipe da Luz Ferreira, ex-3º-sargento do Exército e comandante do grupo; Araken Van Galvão, ex-2º-sargento do Exército e subcomandante do grupo; Edval Augusto de Melo, ex-2º-sargento da Marinha e chefe da seção administrativa; Arcelino Elias Capitani, ex-marinheiro e chefe da seção de cabotagem; José Jorge da Silva, ex-cabo da Marinha, sem função específica; João Jerônimo da Silva, ex-marinheiro e também sem função específica; Milton Soares de Castro, o único civil e pintor de profissão. Os dois últimos tentaram resistir à voz de prisão. Conduzidos para a sede do 11º BI de Manhuaçu, só permaneceram detidos até segunda à tarde, quando foram entregues ao QG do Exército de Juiz de Fora, para interrogatório. Dois délices se encontraram com peste bubônica, contruída na selva, onde é grande o número de ratos. Na enfermaria do 11º BI, receberam medicamentos e ficaram separados do grupo.

## O grupo era quase todo de militares



Utensilios vãos de campanha foram encontrados em seu poder.

O Comandante Melo, do 11º BI, em inspeção de armas apreendidas.



### O depoimento do comandante do grupo

Amadeu Filipe da Luz Ferraz falou aos jornalistas presentes, definindo a sua posição de chefe e porta-voz do pensamento de seus companheiros. São textuais estas suas palavras:

"Eu, com os meus homens, levantamos em armas contra o ditador Castello Branco e, se não fizemos nenhuma ação político-militar durante a sua ditadura, foi porque o processo de organização demorou mais do que eu esperava. Uma das causas desse atraso foi ter caído priso e ter sido posteriormente assassinado, pelo DOPG do Rio Grande do Sul, meu grande companheiro e patriota, Manuel Haimundo Soeiro, que era meu auxiliar direto. Com a perda desse homem, o processo de organização ficou atrasado e só consegui levar meus homens ao local que tinha escolhido para dar inicio à luta de libertação, que nos propriedade realizar, em novembro próximo passado. Al também (Caparaó) tivemos de nos acomodar e passar por um período de treinamento. Não nos foi possível, até meados de fevereiro, empreender a ação que tínhamos planejado. De revereiro em diante, até 15 de maio, que foi a data que terminou a ditadura de Castello, não agimos, pois, após ter feito estudos da situação política, chegou a conclusão de que deveríamos aguardar um golpe do ditador que nos parecia continuar no poder. Conclui, também, que se ele não conseguisse dar o golpe que tentava, o próximo governo que iria assumir o poder seria obrigado pelas circunstâncias políticas e econômicas, que o País atravessa, a fazer algumas concessões às forças populares e dar inicio ao processo de redemocratização, bem como mudar a política econômica de tradição fascista, que tinha sido posta em prática pelo ditador de então. Depois da posse do Marechal Costa e Silva, decidí que devíamos descer a serra para aguardarmos e dar uma oportunidade ao Governo que acabaria de instalar-se. Acredito que se este Governo não puser em prática isso que externamos, teremos o período mais conturbado, política e militarmente, que o Brasil já atravessou. E então estaremos dispostos a subir à próxima serra e reiniciar o trabalho que interrompemos. Não nos foi possível descer totalmente de Caparaó porque dois dos meus homens estavam enfermos e não podiam mais locomover-se".

### Indícios de uma vasta organização

As 8 h 30 m de 1º de abril, quando a batida havia terminado, fuzil e metralhadoras, um grande saco de balas, revólveres de vários calibres haviam sido coletados. O Cabo Ildeu acionou uma recepção do grupo. Capitou uma voz que, por cinco vezes, apelava: "Chile chama 250". Tratava-se de um aparelho "Walk Talk", usado pelos guerrilheiros. Como não houvesse resposta, a voz silenciou. Instantes depois, uma mensagem era transmitida em espanhol, que não foi entendida pelo Cabo Ildeu. Este é um dos mais sérios indícios de que o grupo aprisionado era o 250, que bem pode ser considerado uma pequena parcela de uma grande organização.

DIÁRIO DA TARDE

04-04-67

5



Amadeu Farias da Luz Freire, 2º  
tenente, ex-guerilheiro do ELN,  
capturado. Il ilusso, natural  
de Belo Horizonte, Minas Gerais,  
atualmente para oito dias detin-  
tional, nº 4 — primeiro  
detento da memória.



Joaquim Rodrigues  
Moreira, 2º tenente, ex-  
guerilheiro, natural de  
Praia Grande, Espírito Santo.  
Capturado pelo ELN.  
Machado e São Lourenço  
e acompanhado dos compan-  
heiros.



Antônio Boen Capitão, 2º  
tenente, ex-ELN, natural de  
Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Capturado pelo ELN.  
Machado e São Lourenço  
e acompanhado dos compan-  
heiros.



Edinaldo Augusto de Melo, 2º  
tenente do Exército, capturado  
pelo ELN. Natural de Rio Branco,  
Acre, com 25 anos, casado. Era o  
corregedor das operações anti-  
seca das sequeiros.



Aracy Von Gehlen, 2º tenente  
do Exército, capturada  
pelo ELN. Natural de Juiz de For-  
ma, Rio de Janeiro. Exerceu  
o comando do Grupo de Ca-  
pitanes.



João Vitorino da Silva, 2º  
tenente, ex-Exército, natural de  
Alegrete, Rio Grande do Sul. Ele  
pertence ao grupo que en-  
frentou a revolução de 21 de  
setembro.

## No front das guerrilhas da Serra do Caparaó